

OS ARTIGOS DE INTELLECTUAIS INDIGENISTAS MEXICANOS NA REVISTA *AMÉRICA INDÍGENA* (1941-1960)

Aline Rodrigues Pierobom (PIBIC-AF/CNPq/FA/UEM), Natally Vieira Dias
(Orientador), e-mail: alinerp59@gmail.com.
Universidade Estadual de Maringá – Câmpus Regional do Vale do Ivaí/ Centro de
Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

História Latino-Americana (História)

Palavras-chave: Indigenismo, História Intelectual, Intelectuais mexicanos.

Resumo:

O presente trabalho apresenta os resultados finais do PIBIC-AF-UEM desenvolvido durante o período de agosto/2018 a julho/2019 que consistiu em analisar o periódico *América Indígena: órgão oficial del Instituto Indigenista Interamericano*, mais precisamente seus editoriais, escritos pelo diretor do Instituto, o intelectual Manuel Gamio. A proposta inicial da pesquisa era analisar os artigos de intelectuais mexicanos presente na revista, mas, ao longo do trabalho, optou-se por trabalhar somente com os editoriais, devido ao grande número de artigos publicados por intelectuais mexicanos no órgão oficial do Instituto Indigenista Interamericano (I.I.I.). Já que a direção do I.I.I. e da revista estava sob a direção de um mexicano, o antropólogo Manuel Gamio, optou-se por dar destaque a esses artigos, posto que eles representam a visão oficial do Instituto. A pesquisa tomou como aporte teórico a História Intelectual, já que a fonte da pesquisa, a revista *América Indígena*, é um periódico intelectual de caráter indigenista. O principal objetivo da pesquisa foi entender qual a visão dos indígenas e da ação indigenista predominante entre os intelectuais ligados ao I.I.I. e seu órgão oficial. De maneira geral, percebemos que, por mais que os intelectuais ligados ao I.I.I. se propusessem acordes com os desenvolvimentos científicos do período, especialmente da Antropologia, seu olhar a respeito da figura do indígena permaneceu muito permeado de uma visão marcada pela ideia de supremacia da cultura europeia. Dessa forma, os grupos autóctones tenderam a ser encarados pelo I.I.I. como “miseráveis” e “necessitados”, o que gerou uma imagem “paternalista” da ação indigenista.

Introdução

O I.I.I., que editava a revista *América Indígena*, fonte histórica estudada nessa pesquisa, teve sua organização iniciada a partir da realização do I Congresso Indigenista, sediado na cidade de Pátzcuaro, no México, no ano de 1940. Através desse congresso buscou-se reunir intelectuais indigenistas de todo o continente americano, ou seja, o órgão era formado por intelectuais não-indígenas que discutiam e tentavam solucionar as questões indígenas no continente.

Os mexicanos sempre tiveram um papel proeminente no I.I.I. Além do projeto do próprio órgão ter surgido de um mexicano – o educador Moisés Sáenz – o Instituto foi sediado na Cidade do México e dirigido pelo antropólogo e arqueólogo mexicano Manuel Gamio durante todo o período estudado. Por isso a pesquisa procurou focar

nas publicações de mexicanos na revista. Mas, durante o levantamento das fontes, observamos que havia inúmeros artigos produzidos por intelectuais mexicanos na revista *América Indígena*, sendo impossível abordar todos eles numa pesquisa de iniciação científica. Então, fizemos um levantamento quantitativo desses artigos (que passam de 200) e optamos por analisar, dentre esses, apenas os editoriais, um total de 76 textos. Como os editoriais eram escritos por um intelectual mexicano, o diretor da publicação, Manuel Gamio, acreditamos que eles nos permitem perceber de forma privilegiada a atuação mexicana no projeto indigenista por ser, nesse caso, a própria voz oficial do I.I.I.

Materiais e métodos

A fonte histórica da pesquisa foi a revista *América Indígena*, que tinha sua publicação efetivada trimestralmente, totalizando quatro edições anuais, sendo que cada uma dessas edições possuía um editorial. A revista era uma publicação oficial do I.I.I. e reunia artigos produzidos pelos intelectuais indigenistas de todo o continente, principalmente os de caráter científico e com dados antropológicos. Chamamos de indigenismo, como mostra o historiador Emilio Kourí (2010), o conjunto de ideias, discursos, reflexões e práticas favoráveis aos indígenas, mas formulados por não-indígenas, principalmente intelectuais, como era o caso do I.I.I. Na época estudada, o indigenismo da instituição assumia um discurso mais científico, principalmente de tipo antropológico, e pretendia-se afastado da política. (GIRAUDO, 2011)

O principal objetivo da pesquisa foi analisar e discutir o indigenismo que estava sendo levado a cabo pelo I.I.I. e defendido através de sua publicação oficial. Chegamos então a duas questões centrais que deveríamos analisar nos editoriais para entender o discurso indigenista da instituição: a visão dos indígenas que transparecia nesses artigos; e a visão da própria ação indigenista, ou seja, como o I.I.I. entendia sua própria atuação.

Para desenvolver essa análise, contamos com um aporte teórico da História Intelectual porque analisamos um discurso intelectual, o indigenista, que era divulgado através de uma revista intelectual, a *América Indígena*. Os autores que usamos são ligados à história intelectual latino-americana, principalmente Carlos Altamirano (2010) e Beatriz Sarlo (1992).

Resultados e Discussão

De maneira sucinta, no que se refere à visão do “índio” (termo muito usado na publicação) presente nos editoriais de *América Indígena* (A.I.), é possível dizer que essa visão ainda se baseava na ideia de uma supremacia da europeia, considerada “moderna” e, por isso melhor. Dessa forma, os grupos autóctones do continente americano tenderam a ser vistos como atrasados, não plenamente desenvolvidos, e isso não apenas culturalmente, mas também biologicamente. Então, a perspectiva do I.I.I., através de seus editoriais, foi a defesa da mestiçagem, biológica e cultural, como forma de desenvolvimento.

Em diversas vezes nos editoriais foi trabalhado o assunto da miscigenação entre indígenas e europeus como um método de “melhoramento” e “suplementação do sangue indígena”, sendo uma forma de modernizar seus costumes. (AI, Editorial, julho de 1945, p.187) Além disso, a vida naturalista dos grupos aborígenes é colocada como um modo “anormal” de vivência. (AI, Editorial, abril de 1944, p.93)

O antropólogo e arqueólogo mexicano Manuel Gamio é considerado um dos principais defensores da ideologia da mestiçagem na América Latina, ao lado de Gilberto Freyre. Ambos estudaram com o antropólogo Franz Boas, pai da Antropologia culturalista, e, em geral, acredita-se que a abordagem de Gamio sobre a mestiçagem seja mais cultural do que racial. No entanto, em vários dos editoriais analisados a fronteira entre cultura e raça acaba ficando tênue. O uso de termos como “suplementação e melhoramento do sangue indígena”, por exemplo, extrapola muito a noção de que haveria apenas uma diferença cultural (não racial, biológica) entre indígenas e europeus.

Em relação à visão que os editoriais apresentam da ação indigenista, percebemos que ela está muito relacionada com a visão que eles passam do “índio”. De maneira geral os povos indígenas são mostrados não só como inferiores, mas como grupos humanos de condição “miserável”, o que faz com que o indigenismo apareça como algo bastante paternalista. O I.I.I. assume a defesa dos “índios” aludindo a ideia de que os intelectuais indigenistas (principalmente os antropólogos) eram os responsáveis por garantir o bem-estar social dos indígenas, como se esses fossem incapazes de alcançar qualquer melhoria social sem a ajuda dos indigenistas. Dessa forma, o I.I.I. se coloca como “a voz” dos grupos autóctones.

Conclusões

Através do desenvolvimento dessa pesquisa foi possível observar que a ideia de mestiçagem, presente em boa parte dos editoriais analisados, não estava muito distante das antigas teses de branqueamento da população, que foram muito fortes na América Latina entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX. (FUNES; ANSALDI, 1994) Apesar de Manuel Gamio e, em geral, os indigenistas ligados ao I.I.I. se colocarem como muito “modernos” e ligados aos desenvolvimentos científicos da época, os editoriais mostram que a concepção oficial do I.I.I., na prática, ainda possuía muitos resquícios das antigas teses racialistas.

Observamos também que o México foi o grande modelo indigenista tomado pelo I.I.I. O indigenismo oficial mexicano, implantado após a Revolução de 1910, foi tido como parâmetro por todo o continente. Essa centralidade fica muito clara na revista A.I. no editorial de janeiro de 1947, intitulado “Reorientación de la política indigenista mexicana”, que trata as políticas públicas do México como um modelo para o continente.

Agradecimentos

Os agradecimentos vão, primeiramente, para a Fundação Araucária, que me proporcionou o aporte financeiro para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço também a minha orientadora, prof^a Natally Vieira Dias, por toda orientação, sugestões e estrutura que me forneceu durante a execução dessa pesquisa e também ao aluno da Pós-Graduação em História da UEM, Guilherme Gomes Santos, pelo auxílio na digitalização do material necessário para meu trabalho.

Referências

ALTAMIRANO, Carlos. Elites culturales en el siglo XX latinoamericano. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). Historia de los intelectuales en América Latina II. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires, Katz, 2010, p. 9-28.

ANSALDI, Waldo; FUNES, Patricia. Patologias y rechazos: el racismo como factor constitutivo de la legitimidad política del orden oligárquico y la cultura política latinoamericana. **Revista de la Escuela Nacional de Antropología e Historia**, Nueva época, Vol. 1, N. 2, México DF, sept.-dic., 1994, p. 193-229.

GIRAUDO, Laura. Un campo indigenista transnacional y “casi profesional”: la apertura en Pátzcuaro (1940) de un espacio por y para los indigenistas. In: GIRAUDO, Laura; MARTÍN-SÁNCHEZ, Juan. **La ambivalente historia del indigenismo: campo interamericano y trayectorias nacionales (1940-1970)**. Lima: IEP, 2011, p. 21-98.

KOURÍ, Emilio. Manuel Gamio y el indigenismo de la Revolución Mexicana. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). **Historia de los intelectuales en América Latina II**. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires, Katz, 2010, p. 419-432.